



Universidade de Brasília – UnB
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC
Faculdade UnB Planaltina – FUP

**Práticas pedagógicas no ensino das Artes Plásticas por meio da tecelagem
tradicional na Comunidade Kalunga Vão de Almas**

Almecei Ribeiro Dos Santos

Cavalcante-GO
2023

Almei Ribeiro Dos Santos

Práticas pedagógicas no ensino das Artes Plásticas por meio da tecelagem tradicional na Comunidade Kalunga Vão de Almas

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, habilitação na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Cavalcante - GO
2023

Almei Ribeiro Dos Santos

**Práticas pedagógicas no ensino das Artes Plásticas por meio da tecelagem
tradicional na Comunidade Kalunga Vão de Almas**

Cavalcante, dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves
Faculdade UnB Planaltina
Orientador

Prof. Dr. Nathan Carvalho Pinheiro
Faculdade UnB Planaltina
Avaliador (membro interno)

Prof. Me. Adão Fernandes da Cunha
Secretaria Estadual de Educação de Goiás
Avaliador (membro externo)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por permitir minha existência para que eu possa estar presente, para enfrentar todo esse percurso com saúde e sabedoria.

Agradeço também ao orientador e professor Felipe Canova, pelos seus ensinamentos, compartilhados não somente a mim, mas aos colegas. Ensinamentos que ajudaram bastante nessa longa caminhada, e por ser um professor que sempre acreditou que eu sou capaz de vencer meus objetivos. Professor, chegando onde eu estou agradeço muito pela sua ajuda e por acreditar que eu seria vitoriosa, você estava sempre me animando com palavras motivadoras que alegrava qualquer pessoa. Por isso meu agradecimento vai para esse meu orientador e professor maravilhoso, obrigada pelos conselhos, pois não vou esquecer, das palavras que me ajudaram a levantar a cabeça. Além de professor é um ótimo amigo.

Agradeço em especial a minha família, ao meu esposo Nelson Dias dos Santos, e minha filha Samara Ribeiro Dias, por sempre estarem lutando por mim de muitas formas nas quais me fortaleceram, principalmente quando haviam desistências na minha vida. Os conselhos que eles me deram me ajudavam muito, no começo não foi nada fácil, mas sempre estavam ali me ajudando no que eu precisava, inclusive financeiramente, permitindo assim a minha permanência na Universidade. Então, meu esposo Nelson e minha filha Samara estiveram todo o tempo do meu lado me ajudando no que eu precisava. Nelson foi quem me ajudou com todos os processos de tirar as fotos, foi ele também que ia até o mato tirar as cascas das plantas para mim, ele estava sempre à disposição para me ajudar no que eu precisava. No preparo das tintas, o Nelson estava sempre junto, ajudava a mexer a panela, a fazer os novelos das linhas que estavam no fuso e também a desmanchar as meadas que já estavam tingidas e secas.

Agradeço ao meu irmão Ildeci Ribeiro dos Santos, por ter me ajudado nas coisas que eu ainda não sabia, e toda minha família, pelo companheirismo. Ele estava sempre me mostrando como eram feitas as coisas, porque ele já tinha passado por todos esses processos, então a ajuda dele foi muito boa, me apoiou bastante.

Aos Professores da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) que proporcionaram oportunidades de conhecimento, de modo que eu fosse capaz de realizar conquistas sem haver desistência. Meus agradecimentos vão para todos(as) Professores(as) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB, campus de Planaltina-DF.

Agradeço as minhas amigas Josinete da Silva Dias dos Santos, Luana Rosa Araújo e os demais colegas por sempre estarem ao meu lado, me apoiando nos momentos de dificuldades, a todas as colegas de quarto, o meu agradecimento pelo companheirismo. Josinete da Silva Dias dos Santos e Luana Rosa Araújo, agradeço de coração por estarem sempre me falando “não desiste, você vai conseguir, não é fácil para ninguém, mas vamos conseguir.”

Resumo

Esta pesquisa tem como tema a relação entre práticas pedagógicas em artes plásticas e a tecelagem e os tingimentos tradicionais Kalunga, a partir do registro das técnicas de tecelagem e tingimentos da comunidade Vão de Almas, Cavalcante, Goiás. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa, sendo ela realizada através de entrevistas semiestruturadas com tecelãs da comunidade, registro fotográfico dos processos de tecelagem e tingimentos tradicionais e a posterior criação de práticas pedagógicas em artes plásticas. O objetivo do TCC é relacionar o ensino das Artes plásticas, previsto no currículo das escolas do campo, com práticas pedagógicas que dialoguem com as técnicas ancestrais de tecelagem e tingimentos na comunidade Kalunga Vão de Almas. Pretendemos estimular a aprendizagem dos jovens e buscar a valorização da cultura, dos modos vividos pelos ancestrais quilombolas Kalunga. Como resultados da pesquisa, sistematizamos as práticas de três tecelãs da comunidade e criamos cinco práticas pedagógicas em artes plásticas que dialogam com os saberes tradicionais da comunidade Vão de Almas.

Palavras-chave: práticas pedagógicas em artes plásticas, tecelagem Kalunga, tingimentos naturais Kalunga.

Abstract

This research has as its theme the relationship between pedagogical practices in plastic arts and traditional Kalunga weaving and dyeing, based on the recording of weaving and dyeing techniques in the Vão de Almas community, Cavalcante, Goiás. The methodology used in the research was qualitative, this was carried out through semi-structured interviews with community weavers, photographic records of traditional weaving and dyeing processes and the subsequent creation of pedagogical practices in plastic arts. The objective of the TCC is to relate the teaching of visual arts, provided for in the curriculum of rural schools, with pedagogical practices that dialogue with the ancestral weaving and dyeing techniques in the Kalunga Vão de Almas community. We intend to encourage young people to learn and seek to value culture and the ways lived by Kalunga quilombola ancestors. As results of the research, we systematized the practices of three weavers from the community and created

five pedagogical practices in visual arts that dialogue with the traditional knowledge of the Vão de Almas community.

Keywords: pedagogical practices in plastic arts, Kalunga weaving, Kalunga natural dyes.

Lista de figuras

Figura 1 - Minha família: Almecei, Nelson e Samara – p. 11

Figura 2 – Novelos tingidos e meada com tingimento natural – p.16

Figura 3 – Descaroçador em vista superior e lateral – p.17

Figura 4 - Tingimento natural com bico de papagaio, à esquerda, obtendo a cor roxa na meada à direita – p.18

Figura 5 – Kibano, frente e verso, utilizado para guardar a massa de mandioca coada – p.19

Sumário

Introdução	p.09
Minhas memórias	p.09
Tema, justificativa e objetivos	p.11
Metodologia	p.12
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DE PESQUISA	p.14
1.1 - Referencial Teórico	p.20
CAPÍTULO 2 – OUVINDO AS TECELÃS: ENTREVISTAS E TÉCNICAS TRADICIONAIS DE TECELAGEM E TINGIMENTOS KALUNGA	p.26
CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO DA ARTE E A TECELAGEM NA ESCOLA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS	p.38
Considerações finais	p.43
Referências bibliográficas	p.45
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TECELÃS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS	p.46
APÊNDICE 2 – FOTOS DA AUTORA SOBRE OS PROCESSOS DE TECELAGEM E TINGIMENTO TRADICIONAIS KALUNGA	p.47

Introdução

Minhas memórias

Meus pais, Antônio dos Santos Rosa e Hermana de Sousa Ribeiro, moravam na comunidade Kalunga Vão de Almas, localizada em Cavalcante, Goiás. Minha mãe teve cinco filhos na própria comunidade, Nilson Ribeiro dos Santos, Nílcia Ribeiro dos Santos, Antônio Junior Ribeiro dos Santos, Almecei Ribeiro dos Santos (EU) e Tito Ribeiro dos Santos. Devido às necessidades enfrentadas por falta de políticas públicas na saúde, saneamento básico, e diversos outros, foi preciso se deslocar da comunidade em busca de um parto seguro para os próximos filhos que viriam. Sendo assim, foi necessário ir até a cidade de Campos Belos de Goiás. Cidade onde meu irmão mais novo Ildeci Ribeiro dos Santos nasceu.

No final do ano de 2000, meu pai decidiu levar todos os filhos para estudarmos na cidade de Cavalcante. Então, com meus 11 anos de idade mudamos para a cidade de Cavalcante junto com meus outros irmãos para que pudéssemos estudar. A busca de estudos ocorreu porque na comunidade as coisas estavam muito difíceis. Não tinha escola acessível, apenas tínhamos acesso até a segunda série do fundamental, ou seja, ir à cidade era o modo como nós iríamos continuar nossos estudos.

No ano de 2001, comecei a estudar na 2º série do ensino Fundamental no colégio municipal Tia Cici. No ano de 2002, estudei na 3º série, e em 2003 fiz a 4º série do ensino fundamental no mesmo colégio. Em janeiro de 2004, com meus 14 anos de idade fui para Brasília com minha irmã mais velha, lá comecei a trabalhar de dia e depois estudar à noite. Lá eu estudei o 6º e o 7º ano do Ensino Fundamental, estudei por 2 anos, depois casei e fui morar em uma chácara em Brasília com meu marido, que é da mesma comunidade que eu. Assim, tive que parar meus estudos por que não havia colégio perto, tive uma filha com meus 17 anos de idade.

No final de 2008 voltei novamente para a Cidade de Cavalcante, onde comecei tudo de novo. Em 2009 cursei o 8º e 9º anos do ensino fundamental, no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, sendo que cursei as duas séries em um ano só porque já estava atrasada nos estudos. No ano de 2010 fiz o 1º ano do ensino médio normal, em 2011 fiz o 2º ano,

e em 2012 terminei o 3º ano do ensino médio sempre no colégio estadual Elias Jorge Cheim. Fiz o Enem no ano de 2012, mas não consegui atingir uma boa nota.

No ano de 2014, soube do vestibular da Licenciatura em Educação do Campo, fiz minha inscrição e fiz a prova na cidade de Cavalcante-GO. Eu estava contente quando saiu o resultado, mas não consegui uma vaga. E segui tentando.

No ano de 2017, fiz o Enem outra vez. Quando saiu o resultado, fiquei mais feliz com a minha nota, pois foi por essa nota que consegui chegar na Universidade. Meu irmão, também ledoquiano, me ajudou a me inscrever no vestibular e foi pela nota do Enem que consegui chegar no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Agradeço a Deus, porque tudo tem seu tempo certo, se eu não tinha conseguido ainda é porque não era o tempo certo.

No meio do ano de 2018, consegui entrar na Faculdade UnB Planaltina, curso de Licenciatura em Educação do Campo, onde permaneço até hoje. Esse curso tem uma grande importância para mim, porque através dele aprendi muito sobre a questão de trabalhar o coletivo. Além disso ele me proporcionou métodos de estudar e caminhar até o objetivo que é a conclusão do curso.

Minha relação com o território é um fator muito importante, porque foi na comunidade onde aprendi e compreendi minha origem, minha cultura. Pesquisando o passado através dos meus avós, fui e vou descobrindo como todos surgiram, como se iniciou a comunidade, etc.

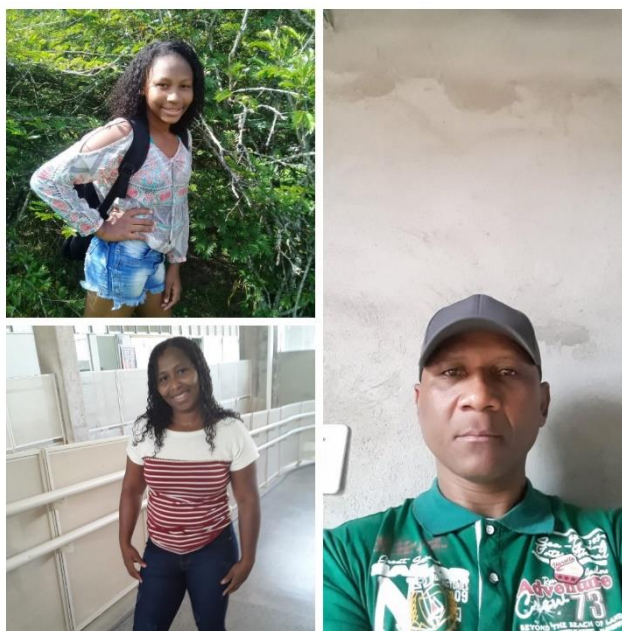
E o curso reconhece esses saberes e memórias. Percebo também que atualmente esse passado vem sendo estudado por muitos com vontade de viver e lembrar do mundo em que viviam. Minha relação com a terra é muito boa, pois lá que plantamos de tudo, como por exemplo o arroz, feijão, milho e a mandioca que fazemos a farinha, tudo isso é plantado na roça de toco. E é nessa terra que permaneço até hoje.

Outro ponto muito importante a ser registrado é manter a cultura sempre viva, nas quais são elas a sussa, a folia, as rezas, a tecelagem, e depois sobre a produção de alimentos orgânicos que não deixamos tudo isso acabar.

Quanto à minha transformação pessoal durante o curso, entendo que me ajudou a me soltar ainda mais, reconhecer meu espaço de fala e empoderamento. Aprendi muito

sobre trabalho em coletivo, a luta dentro dos movimentos sociais. A importância da coletividade para a mobilização. Práxis Transformadora, a expressão através do teatro e o audiovisual, entre outras coisas.

FIGURA 1



Minha família: Almei, Nelson e Samara. Fonte: montagem de fotos, acervo pessoal.

Tema, justificativa e objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo relacionar o ensino das Artes plásticas, previsto no currículo das escolas do campo, com práticas pedagógicas que dialoguem com as técnicas ancestrais de tecelagem e tingimentos na comunidade Kalunga Vão de Almas. Pretendemos estimular a aprendizagem dos jovens e buscar a valorização da cultura, dos modos vividos pelos ancestrais quilombolas Kalunga.

A tecelagem é de extrema importância para a comunidade, porque é através dela que as pessoas mais velhas produziam seus utensílios de vestuário e de uso doméstico. Uma vez que não tinham outros meios para eles usarem, com a tecelagem eram feitas cobertas, redes, camisas e calças, até as cuecas eram feitas de algodão.

Portanto, o algodão foi por muito tempo uma das principais formas que o povo da comunidade Kalunga Vão de Almas utilizava para fazer cobertas, roupas, etc. Hoje em dia algumas mulheres ainda usam o algodão, mas não por necessidade, e sim por vontade própria.

O tempo vai passando e percebemos que as histórias e memórias da comunidade Kalunga Vão de Almas a cada dia vão se acabando. Nesse caso do processo de tecelagem há poucas mulheres que ainda sabem fazer todo o processo, desde começo até no momento que esteja pronto para usar. Vimos que há uma conexão deste saber e fazer artesanal com o ensino de Artes Plásticas e é nesse caminho que pretendemos pesquisar, contribuindo para o ensino de artes ligado com a educação quilombola.

Como objetivos, definimos enquanto objetivo geral pesquisar os pontos de articulação entre o ensino das Artes Plásticas e a tecelagem e tingimentos ancestrais Kalunga, com enfoque no trabalho com práticas pedagógicas, contribuindo na preservação da cultura e para o ensino voltado à realidade da comunidade. Já os objetivos específicos são: descrever os pontos positivos, os desafios e os limites que o ensino sobre a tecelagem pode trazer para a comunidade; contribuir com a compilação de técnicas ancestrais quilombolas kalungas de tingimento natural voltado para a tecelagem, que podem ser utilizadas em práticas pedagógicas ou materiais didáticos para o ensino da escola do campo; divulgar na escola do campo quilombola Kalunga a importância da tecelagem na comunidade Kalunga Vão de Almas.

Metodologia

Como vimos acima, essa pesquisa tem como objetivo trazer informações, preservar e não deixar se extinguir o uso da tecelagem e dos tingimentos naturais na comunidade Kalunga Vão de Almas. Pretendo fazer, enquanto o tipo de pesquisa, a pesquisa qualitativa, que possibilite trazer informações culturais e ancestrais da comunidade Kalunga, bem como sua relação com o ensino de artes plásticas.

Para tanto, utilizei as técnicas da entrevista semiestruturada com diálogo junto às tecelãs da comunidade, associada ao registro fotográfico e à revisão bibliográfica. Também usei a metodologia auto etnográfica que visa analisar minhas experiências

personais e culturais. Neste TCC temos a sistematização em fotos no Apêndice II, que descreve em imagens o processo produtivo da tecelagem, para demonstrar o uso da arte e o trabalho (todos os processos de tecer e tingir) através da tecelagem.

O território Kalunga tem em comum, de forma geral, as formas de vivências que os povos mais velhos utilizam, tendo um padrão de vida comunitário nas religiões, cultura, no cultivo, no uso da tecelagem para o uso da sobrevivência, na medicina natural utilizada ainda hoje por muitos povos da comunidade. Hoje em dia eles utilizam a tecelagem não para sua sobrevivência, mas sim para não deixar acabar as tradições.

Os jovens não querem aprender as tradições, pois desde muito cedo saem da comunidade para ir em busca de trabalho ou de uma vida melhor. Sendo assim, são as mulheres mais velhas que sabem fazer a tecelagem, poucas delas querem fazer pois sabem da dificuldade do processo até obter com uma coberta de algodão pronta. Por essa razão vemos a importância das entrevistas com essas mulheres que ainda estão na comunidade.

Essa pesquisa então é caracterizada como qualitativa, trata de uma tradição artesanal e sua relação com a arte, visando valorizar a cultura da Tecelagem artesanal Kalunga que está sendo perdida ao longo dos anos. Na pesquisa investiguei as ferramentas que são utilizadas na fabricação, fazendo registros fotográficos delas, e em seguida, fiz entrevistas com os profissionais da tecelagem. Tudo isso com o objetivo de criar práticas pedagógicas em artes plásticas, elaborando caminhos para levar esse conhecimento para a sala de aula.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DE PESQUISA

A história de resistência do meu povo quilombo foram de muitas lutas e sofrimentos, nós somos descendentes de escravizados, fugidos e libertos da escravidão. Eles trabalhavam nas minas de Goiás, e se refugiaram no Vão das Almas, em meio à serra de difícil acesso, já cansados do trabalho escravo meus antepassados fugiram espalhando-se por toda a parte do nosso país.

Eles sobreviviam de tudo que plantavam, o óleo de coco que eles mesmo tiravam, as cobertas que eles usavam eram todas feitas de algodão plantado lá, as roupas também, pois não tinham acesso à cidade para comprar e também não tinham dinheiro para comprar roupas prontas. Para obter o sal de cozinha, eles andavam de dois a três dias para comprar o sal. Eles iam a pé puxando o cavalo. Além disso é importante ressaltar que, antigamente, muitas pessoas da comunidade sofriam preconceito por usar roupas de algodão, cobertas dentre outras coisas.

Eles viviam do que plantavam na roça de toco, às vezes não tinham o que comer, comiam uma vez por dia, e quando comiam era farinha e café. E ainda tinham que trabalhar na roça, às vezes eles iam cedo e só voltavam a tarde. Quando era no tempo da colheita do arroz, as mulheres trabalhavam ajudando o marido e quando elas chegavam em casa cansadas ainda iam socar arroz no pilão, para fazer comida para seus filhos.

Naquela época não tinha médico para cuidar da saúde e quando uma pessoa ficava doente, eles mesmo já sabiam o remédio para curá-la. As parteiras eram quem faziam o parto das mulheres quando engravidavam, porque elas não tinham acesso a um hospital. Algumas mulheres perdiam seu filho por não terem acompanhamento do pré-natal para ver como estava a saúde do seu bebê.

Na maioria das vezes, elas não tinham comida para dar os filhos, então as mães com os filhos no colo, iam pegar coco para fazer beiju, para alimentar seus filhos, para não ficar com fome o dia todo. Só para ver que a história do povo quilombola não foi nada fácil.

Não aprendi nada sobre isso na escola que estudei, porque no meu tempo os professores não ensinavam nada sobre as lutas dos quilombos. Então, o pouquinho que aprendi foi com os meus ancestrais e reencontrei nossa história de luta na LEdoC.

Indo mais diretamente ao meu tema de pesquisa, a tradição de tecelagem na comunidade Kalunga Vão de Almas, minha comunidade de origem e moradia, permanece viva. As mulheres lá sempre souberam usar o algodão para fazer suas cobertas, elas pegavam firme no fuso para fiar o pávio e a linha. Para poder fiar era preciso primeiramente descaroçar o algodão.

Esse processo era feito à mão, mas elas usavam também o descaroçador. Depois batem no batedor que é o arco, e por fim é só levar para a ferramenta chamada de fuso. O fio mais grosso é chamado de pávio, já os mais finos são as linhas, que depois são todos enrolados em forma de novelos. Todos os novelos são transformados em meadas para poder fazer os tingimentos, menos aqueles que não vão ser tingidos, ou seja aqueles que vão ficar em brancos no urdir do pano. As meadas são feitas com dois tornos que fazem parte de todo aviamento, e os tornos são batidos no chão em tamanhos igual a 3 palmos que é ideal para fazer as meadas.

Os novelos que são utilizados para fazer meadas são colocados em algumas vasilhas para não sair da direção ou encher de sujeiras. Depois da linha feita é enrolada em forma de novelos, que são contados para facilitar a medição. São oito fusos de linha em cada novelo que passa a ser uma quarta de linha.

A linha de cada fuso é emendada uma na outra e enrolada em apenas um novelo. O pávio também é medido da mesma forma, é a mesma quantidade de fusos. Para fazer uma coberta são necessárias 08 quartas de pávio e 08 quartas de linha, então são no total 64 fusos de linha e 64 fusos de pávio, para obter uma coberta pronta.

Para fazer as roupas só utilizam a linha do algodão, são escolhidos o melhor algodão para fiar e ele não pode ser descaroçado no descaroçador e nem pode bater, tem que abrir na mão.

FIGURA 2



Novelos tingidos e meada com tingimento natural. Fonte: acervo pessoal.

Quanto às ferramentas citadas acima, o descaroçador é uma ferramenta utilizada só para descaroçar os capuchos do algodão, para que não seja todo descaroçado a mão. Já o batedor é uma ferramenta feita para bater o algodão, para evitar que seja todos fossem abertos a mão, pois levaria mais tempo para terminar. Essa ferramenta é feita de um pau que nós chamamos de alô e tem que ser o pau certo para que não quebre na hora de enrolar. Ele forma um arco que tem o mesmo formato de um arco indígena.

A outra ferramenta utilizada é o fuso, que utilizamos para fiar o algodão. Portanto, o fuso é um instrumento feito de madeira que chamamos de taboca para o seu cabo, e se complementa com a roda que é feita de uma pedra bem redondinha.

FIGURA 3



Descaroçador em vista superior e lateral. Na imagem da direita, a autora.
Fonte: acervo pessoal.

Nós usamos tintas de algumas árvores para tingir o pano, sendo que nós mesmas preparávamos todo o processo do começo até o fim. Esses tingimentos que as mulheres usavam vinham das cascas de variedades de árvores locais, sendo umas delas o açafreão que quando tingir o determinado objeto ele será de cor amarela, e para tingir de cor roxo temos a planta chamada pelos cidadãos da comunidade de bico-de-papagaio. Já na construção da cor vermelha é utilizada a planta que se chama cabelo-de-nego, para retirar a tinta, é necessário que retire as entrecascas da planta e a coloque na panela para ferver junto com água, com esse processo feito obtemos a cor vermelha. Vamos retornar a esses tingimentos adiante nesta pesquisa.

FIGURA 4



Tingimento natural com bico de papagaio, à esquerda, obtendo a cor roxa na meada à direita.

Fonte: acervo pessoal.

As formas de tecelagem antigamente serviam para uso, pois não havia outra forma de sobrevivência. Atualmente nós fazemos com o intuito de vender e ganhar dinheiro para comprar coisas de necessidade. Porém, esse saber é parte importante da tradição e do modo de ser Kalunga. Nosso desafio é articular a preservação deste saber com as aulas de Artes Plásticas nas escolas da comunidade e do território Kalunga.

No quilombo, desde antigamente, já se utilizava o artesanato, pois não havia outro modo, sendo alguns exemplos desses artesanatos temos o kibano, o chapéu, o tapiti, etc.

O kibano é um objeto feito de tala de buriti com arco de taboca, que eram utilizados para soprar arroz, café, milho, feijão. Para fazer o kibano é preciso tirar a tala do buriti ainda verde, depois raspa a tala até ficar fina. Após isso, espere secar por mais ou menos três dias para poder tece-lo e depois que o kibano estiver tecido é só colocar no arco.

FIGURA 5



Kibano, frente e verso, utilizado para guardar a massa de mandioca coada. Fonte: acervo pessoal.

O tapiti também é feito de tala de buriti, sua diferença com o kibano é que não é necessário usar o arco. Para fazer o tapiti tem que ter talas grandes. O tapiti serve para imprensar a massa da mandioca depois de ser ralada.

O chapéu de palha também é tradicional, utilizado desde antigamente pelos povos das comunidades. O chapéu de palha de buriti é feito da palha nova. Pega a palha do buriti, tira o talo dela e coloca no sol para secar, depois de secar começamos a fazer a traça que é de uns 10 metros ou mais costura até fazer o chapéu da palha de buriti. Tem o chapéu que é feito da palmeira chamada de cabeçudo.

Para fazer esse chapéu é necessário tirar a última palha de cima dessa palmeira, colocar para secar e depois que estiver bem seca faz a traça, que mede até uns 10 metros ou mais de comprimento. Quando estiver traçado, começa a costura do chapéu, que depois de costurado estará um chapéu pronto.

Todas essas expressões da tecelagem fazem parte de uma cultura maior. Antigamente quase tudo que as pessoas utilizavam eram feitas por elas mesmas nas comunidades, hoje em dia todos esses instrumentos estão sendo substituídos por outros de mais fácil acesso.

Essas tradições estão em todas as comunidades Kalunga, assim como as folias, rezas, sussa e entre outras. Então, a maioria das coisas que as pessoas utilizavam para o seu convívio e meios de produção na comunidade eram fabricados ali mesmo, não sendo necessário usar de outro local ou comunidades diferentes.

As principais festas dos Kalunga são as romarias e as folias, realizadas em todas as localidades em diferentes épocas do ano. Dentre as quais se destacam a festa de Santo Antônio, São João, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora D'Abadia, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, folia de Reis, folia do Divino Espírito Santo e São Gonçalo.

Nossa comunidade vizinha, os Kalunga do Vão do Moleque, estão situados em meio a vales e em uma região montanhosa. Tal dificuldade de acesso pode ser a explicação para manter as tradições culturais desse povo. O exemplo é a romaria que acontece todos os anos entre os dias 12 a 17 de setembro. É uma celebração religiosa e católica muito significativa para a comunidade, pois ali que acontece os encontros dos parentes, amigos.

As pessoas mais velhas diziam que esta romaria do Vão do Moleque é uma herança que passa de geração a geração a cada ano. Na romaria do Vão do Moleque, cada participante atribui sentido próprio, alguns fazem promessas aos santos e outros participam agradecendo os milagres que acontecem.

Na comunidade Vão de Almas, meu local de origem e moradia, no mês de agosto que acontecem as festas de Nossa Senhora das Neves que é celebrada no dia 5 de agosto, e Nossa Senhora D'Abadia, que ocorre entre os dias 13 a 17 de agosto. Neste dia um grupo de mulheres se reúne para enfeitar a festa do Divino Espírito Santo, e do reinado de Nossa Senhora da Abadia. A noite é realizada uma procissão acompanhada do toque de sanfona até o barraco do festeiro para a entrega dos enfeites. A partir daí, a celebração segue pelas ruas.

Além da religiosidade, são realizadas folias, missas, cerimônias de batizados e casamentos.

As datas das festas são:

- Folia de Reis: 06 de janeiro
- São Sebastião: 20 de janeiro

- Folia do Divino Espírito Santo: é uma das mais antigas e difundida prática do catolicismo popular e faz parte do calendário de festas tradicionais. É celebrada em janeiro
- Santo Antônio: 13 de junho (tem fama do Santo casamenteiro)
- São João: 24 de junho (festa junina)
- Nossa Senhora das Neves: 05 de agosto (venerada pela igreja católica)
- Nossa Senhora D'Abadia: 15 de agosto
- São Gonçalo: 14 de setembro
- Nossa Senhora Aparecida: 12 de outubro

É importante a preservação dos costumes, tradições, ou seja, da identidade das comunidades. Assim como a sussa, tradicional dança Kalunga de origem africana, é praticada pelos moradores, que a consideram importante elemento da cultura local, a tecelagem também faz parte de nossa cultura quilombola.

1.1 - Referencial Teórico

Na construção de meu referencial teórico, bem como uma das inspirações para minha escolha do tema e do recorte com o ensino de artes foi o trabalho de conclusão de curso do egresso da LEdoC UnB Valdeir Fernandes da Cunha. O trabalho do Valdeir fala sobre o ensino de ciências e a tecelagem na comunidade Vão de Almas é interessante e é um tema que contribui para preservar a cultura da nossa comunidade Kalunga Vão de Almas.

O TCC de Valdeir Cunha explica sobre as formas que as mulheres usavam no preparo do tingimento e era feito em casa com os materiais que elas mesmas preparavam. Os tingimentos naturais com cascas de algumas árvores, usavam também raízes de algumas como o açafrão que é a cor amarela, o anil que é a cor roxa, etc. sendo que para obter essa cor primeiramente tira a entrecasca do anil coloca em uma panela põe água e coloca para ferver depois coloca a meadas e deixa ferver, depois retira da panela e coloca no solo para secar. Sendo um meio de valorizar os saberes dos antepassados e trazer o conhecimento para os mais novos e para as pessoas que se interessem em aprender como eram feitas os tingimentos e as tecelagens naturais.

Na pesquisa de Cunha, chama atenção o fato de que pouquíssimas mulheres ainda fazem a tecelagem na comunidade e também sua faixa etária:

Durante o período de realização das entrevistas, foi possível chegar ao número de tecelãs existentes na Comunidade Kalunga Vão de Almas, são as mesmas três que realizei as entrevistas, e têm uma faixa etária entre 60 á 75 anos. Na Comunidade Kalunga Vão de Almas, existem algumas outras mulheres que também sabem fazer tecelagem, não completamente, e é um número bem pequeno por volta de menos que cinco, informações passadas por tecelãs, mas infelizmente não têm as ferramentas, e nem conseguem realizar todas as atividades sem o amparo das respectivas donas de viamentos. (CUNHA, 2021, p. 16)

Ainda de acordo com o autor, sua pesquisa poderá contribuir na produção de um material para o ensino de ciências, com o intuito de fazer uma ponte do saber científico ensinado no Colégio Estadual Calunga 1 Antiga Sede, com o saber tradicional artesanal científico da tecelagem em fabricação de cobertas, com tingimentos naturais utilizando apenas materiais orgânicos. Então, encontramos um paralelo com essa pesquisa e o ensino de artes na educação quilombola.

Como afirma o filósofo Marildo Menegat, em seu texto “Da arte de nadar para o reino da liberdade” (MENEGAT, 2015) utilizado nas aulas da Licenciatura em Educação do Campo, “para pensarmos a arte é preciso pensar a vida social como todo” (2015, p. 19). Nas palavras do autor,

Não se trata apenas da arte enquanto um produto do artista, mas principalmente da arte enquanto expressão de um conjunto de matérias, de elementos, de técnicas e de habilidades que são comuns à espécie humana e a uma determinada sociedade. Logo, não estamos tratando de pessoas de outro mundo. Fazer arte, entender a arte, fruir a arte, ou seja, poder gozar diante dos objetos artísticos, é uma atividade humana absolutamente necessária. (MENEGAT, 2015, p. 19).

A arte é uma forma das pessoas poderem expressar seus sentimentos, por meio de diferentes linguagens, como artes visuais, teatro, música, dentre outros. Porém, a arte também pode ser usada com uma forma de ajudar as pessoas a entenderem as coisas de uma maneira mais divertida e diferente. O ensino das Artes Plásticas na comunidade Kalunga Vão de Almas é uma das formas de ajudar e auxiliar os estudantes da

comunidade a saberem e entenderem mais de sua própria cultura e saberes, por meio da utilização do tecer e do tingir.

A arte é uma forma de ajudar os estudantes a aprenderem de uma forma diferente e mais atrativa, e também é uma forma de ajudar os professores a ensinarem de maneira diferente para seus alunos, saindo das mesmas rotinas de ensino que são os ensinamentos escrevendo em quadro ou explicando de forma expositiva os conteúdos. Os estudantes também precisam de aulas práticas para melhor desenvolvimento e compreensão deste conteúdo. No livro *Arte na Educação Escolar*, as autoras Ferraz e Fusari relatam a importância do uso da arte nas escolas: “partindo de um posicionamento teórico metodológico construído em bases estéticas e artísticas, atenderemos ao objetivo de uma educação escolar em arte que favoreça aos estudantes uma melhoria dos seus saberes práticos e teóricos” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.58).

A tecelagem artesanal quilombola está nessa perspectiva, fazendo parte da história e da tradição de nossa comunidade. Carvalho e Andrade apontam que, embora reconhecida como importante, a tecelagem “passou por um período de declínio ao longo dos últimos anos, após o qual poucos teares foram preservados. Na comunidade eram utilizados, tradicionalmente, teares de chão. Apesar disso, a prática dessa atividade têxtil se mantém viva entre o povo Kalunga” (2017, p. 6).

Em linhas gerais, como apontam Andrietti Filho e Ibsch (2022), as técnicas ligadas ao ato de tingir são milenares e o tingimento com corantes naturais tem suas características e resultados próprios:

o tingimento com corantes naturais apresenta cores de tons bege e confortáveis, dificilmente conseguidos com corantes sintéticos, além dos pigmentos poderem ser extraídos de matérias primas que estão facilmente ao nosso redor, permitindo-nos uma gama de experiências com as cores. No entanto, existe uma grande dificuldade em se reproduzir as cores uma vez obtidas naturalmente, pois a quantidade de pigmento difere, em uma mesma planta, de uma parte para outra, de uma estação reprodutiva para outra e de um indivíduo para outro. Além disso, as tonalidades de cores são facilmente influenciáveis até mesmo pelo tipo de material utilizado para o processo, como as panelas ou mordentes (fixadores) utilizados. (ANDRIETTI FILHO; IBSCHE, 2022, p.101)

No campo das artes visuais, encontramos um trabalho de conclusão de curso com o olhar sobre as técnicas de tingimento artesanais que nos serviu como referência. É o trabalho de Inezita Ribeiro, da Universidade Federal de Uberlândia, intitulado “Técnicas

e saberes tradicionais na produção de cores”. Há um interesse, demonstrado pela autora em experimentos no ateliê de pintura, com as possibilidades de cores extraídas artesanalmente das plantas:

As plantas fornecem tons muito incomuns e suaves se comparados aos corantes sintéticos. O clima, tipo de solo, irrigação, exposição ao sol e aos agrotóxicos a que a planta é submetida interferem nos matizes produzidos, o que torna difícil uma padronização em escala industrial. Os corantes vegetais podem ser obtidos da raiz, como açafrão-da-terra, do cerne, como pau-brasil, das folhas, como amoreira, dos galhos, como quaresminha, das cascas do próprio tronco, como cerejeira, das cascas dos frutos, como mangueira, das flores, como calêndula, dos frutos, como jenipapo, das sementes, como urucum e dos líquens. Uma maneira de testar se uma planta pode fornecer corante é observar se ela desprende tinta ao ser mergulhada em álcool. (RIBEIRO, 2019, p. 18)

Atualmente, são utilizados frequentemente corantes artificiais para o processo de tingimento de meadas, porém, as utilizações desses corantes podem ser prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente. No artigo “Tingimento natural em artigos têxteis: uma medida sustentável”, os autores Ivo Andrietti Filho e Raquel Ibsch relatam as causas prejudiciais dos corantes artificiais na saúde e no meio ambiente:

Deste modo, a utilização de corantes naturais na indústria têxtil tem por objetivo minimizar os impactos ao meio ambiente e à saúde humana. O uso de corantes naturais já pode ser considerado uma opção factível à indústria têxtil, sendo possível obter diversos produtos tingidos com tais corantes. Visto que atualmente os métodos de tingimento industrial possuem altos níveis de poluição ambiental, este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento bibliográfico a respeito de matérias-primas viáveis para a extração de corantes naturais, com possibilidade de uso na indústria têxtil, através de técnicas de tingimento natural. O presente estudo visou avaliar a viabilidade técnica do uso de pigmentos vegetais no tingimento de tecidos como alternativa à utilização de corantes sintéticos por meio do uso de insumos e técnicas com menor potencial poluidor, quando comparados aos métodos tradicionais de tingimento. (2022, p.101-102)

A maioria dos processos de tingimento que eram utilizados antigamente seguem sendo utilizados e hoje em dia são ainda utilizamos vários tipos de árvores e plantas para esses processos. Antigamente, eram utilizadas as plantas, pois eram os únicos meios de obter matéria-prima para tingir, o que era um grande benefício se comparado aos corantes artificiais. Isso porque os tingimentos naturais não prejudicam a saúde, já o uso dos corantes artificiais podem causar alguns problemas de saúde, como rinite, asma, bronquite, dentre outros problemas.

Além do mais, os benefícios da utilização dos corantes naturais são que não prejudicam o meio ambiente como os corantes artificiais. Esses corantes, quando descartados de forma errada pode causar contaminações ao meio ambiente. Ivo Andrietti Filho e Raquel Ibsch relatam em seu artigo os benefícios dos corantes naturais para o ser humano e para o meio ambiente:

Os processos de tingimento em substratos têxtil realizado a partir de matérias-primas vegetais, animais e minerais são caracterizados por não gerar danos ao meio ambiente, se extraídos de forma consciente, esses materiais podem trazer ao longo prazo uma melhoria para o desenvolvimento sustentável, uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea. (2022, p.106)

Um exemplo de trabalho sistematizado e permanente com as técnicas da tecelagem e do tingimento naturais quilombolas Kalunga ocorre no projeto Tecer Kalunga, coordenado pelo Prof. Dr. Nathan Carvalho Pinheiro e que tem a participação de vários docentes e estudantes da LEdoC UnB. Como vemos no artigo “Tecer Kalunga: Conhecimentos Quilombolas de Tecelagem e Tingimento de Tecidos Na Educação do Campo”, há uma demonstração deste trabalho por meio de entrevistas realizadas por mulheres quilombolas a respeito do tecer. Uma estudante da LEdoC, Nelcina dos Santos Rosa, teve a oportunidade de entrevistar sua mãe, Dona Romana dos Santos Rosa, que relata os processos de tecelagem:

Ao longo da conversa, Romana descreveu em detalhes o processo da tecelagem. Primeiro, precisa plantar o algodão, que leva um tempo para a colheita. Depois que ele dar os capuchos, amadurece e abre, para depois fazer a colheita. Pega o algodão com cuidado sem deixar e não correr o risco de sujar. Para que esteja bem limpo na hora de escapuchar e bater. O procedimento leva um tempo para que dê certo. Fiar, urdir e tecer é um processo longo que precisa de muita habilidade e paciência para que o procedimento seja bom e não de trabalho na hora que o pano vai ser colocado no mourão para emenda e urdir. Se tiver uma linha errada pode estragar o pente e o aviamento. (SANTOS et al., 2021, p.520)

Com essa entrevista do artigo “Tecer Kalunga: Conhecimentos Quilombolas de Tecelagem e Tingimento de Tecidos na Educação do Campo”, e a entrevista com Dona Joana que veremos adiante, percebe-se que os conhecimentos adquiridos da tecelagem das mulheres quilombolas no Vão de Almas se assemelham, onde nas duas entrevistas com pessoas diferentes, essas mulheres de grande conhecimento relatam do mesmo assunto e praticamente dos mesmos processos.

Percebe-se então que os conhecimentos adquiridos no passado pela tecelagem são usados por várias mulheres do quilombo. Vale ressaltar que, mesmo que as práticas de tecelagem sejam as mesmas, cada pessoa tem seu próprio jeito de tecer.

As práticas de tecelagem, embora importantes, não têm tanto reconhecimento pelos estudantes do Kalunga Vão de Almas. Mesmo sendo moradores da própria comunidade, muitas das vezes eles não sabem o que é tecer ou tingir. Essas práticas são de suma importância para os mais jovens, como uma forma de valorizar histórias, momentos e conquistas dos mais velhos para não deixar desaparecer com o tempo.

Essas práticas de tecelagem e tingimentos podem ser uma forma de ajudar os estudantes a entenderem as histórias de seus antepassados e cultivá-las com o decorrer do tempo. O Trabalho de Conclusão de Curso de Valdeir Fernandes da Cunha relata como ele gostaria que essas práticas de tecelagem fossem adquiridas pelos mais jovens:

A minha perspectiva futura é de fazer com que essa prática seja conhecida e reconhecida como uma prática importante por toda população e, principalmente, que seja utilizada na própria escola como fonte de ensino em várias disciplinas, trabalhando com interdisciplinaridade praticando e entendendo melhor sobre todo aquele processo, desde colheita do floquinho do algodão, ferramentas utilizadas para descaroçar e fazer fios, medidas de novelos de linha e pávio, que são utilizadas para saber se dá uma ou mais cobertas, e reações que ocorrem no processo de tingimento. (CUNHA, 2021, p. 38)

CAPÍTULO 2 – OUVINDO AS TECELÃS: ENTREVISTAS E TÉCNICAS TRADICIONAIS DE TECELAGEM E TINGIMENTOS KALUNGA

Neste capítulo apresento o relato das três tecelãs entrevistadas em minha pesquisa, de acordo com o roteiro de entrevista semiestruturada presente no Apêndice 1 deste trabalho. Nosso objetivo com as entrevistas foi compilar as técnicas tradicionais de tecelagem e tingimentos Kalunga, bem como reunir alguns usos em produtos têxteis que veremos adiante. Como balanço ao final do capítulo, apresento uma tabela sistematizando os aprendizados com as tecelãs.

Na primeira entrevista com Dona Joana Rodrigues da Conceição, ela relatou que começou a tecer com 12 anos de idade. Atualmente com 74 anos, ela relata da dificuldade de conseguir produzir a tecelagem sozinha, que muitas das vezes não conseguia organizar o urdir para poder tecer.

Dona Joana fala que sempre tinha vontade de aprender tecelagem, aprendeu com a amiga Figena para suas necessidades, pois não havia outro modo de conseguir roupas e cobertas tinha que ser tudo feito de algodão.

D Joana fala agora sobre os processos da tecelagem.

O urdir equivale à parte que começa depois do tingimento, onde as linhas são devolvidas das meadas e colocadas novamente em forma de novelos e saindo dos novelos para serem presas nos tornos, assim conseguindo deixar quase definidas as malhas desejadas pela tecelã.

Isso porque em seguida essas linhas sairão dos tornos e serão colocadas entre meio os fios grossos do Wlisses e passando entre meio de cada dente do pente, finalizando presos em cada ponta, que fica o início do Oigo e a outra parte que será o final na Régua que tem o papel de manter o tecido alinhado.

Essa etapa que exige muitas habilidades nas mãos para serem desenvolvidas, onde quem ajudava ela nesse processo era seus dois sobrinhos Anestor e Nelson, porque necessitava de outra pessoa. Quem ajuda a D. Joana atualmente é seu neto Josivan, em todos os processos. Hoje em dia continua a tecer, mas não por necessidade, mas sim para ter uma renda extra. Ela diz que ainda tece, mas não da mesma forma que antes e completa dizendo que até hoje ainda faz e gosta de fazer.

D. Joana explica como eram feitos alguns dos processos de tingimentos naturais, com as plantas que existem na comunidade Kalunga Vão de Almas.

Na construção da cor vermelha é utilizada a planta que se chama cabelo-de-nego, dela é retirada a entrecasca de seu caule, sem esquecer de retirar a primeira proteção de sua casca. Assim consegue obter os pigmentos para a construção da cor vermelha.

Para a construção da cor amarela é necessária que retire as raízes do açafrão, lave bem em água fria, depois se deve machucar elas e colocar para ferver. Quando já estiver fervendo, coloca as meadas junto e deixa continuar a ferver. Depois de 10 minutos tira as meadas, lava e coloca no sol para secar. Então obtemos a cor amarela.

A dona Joana Rodrigues da Conceição fala também como é feita a cor esverdeada, que aparenta um verde fosco, que é feito da fruta do jenipapo. Ela explica que só pode ser feita a noite dentro do quarto, sem presença de qualquer tipo de luz, nem mesmo a luz da lua. O motivo é que a tinta pode não pegar nas meadas. Devemos pegar as frutas do jenipapo verde, machucar e então colocar em uma bacia, deixando dentro do quarto sem nenhuma presença de luz. Geralmente os quartos têm pouca ventilação e são sem janelas, a única forma de entrar luz no quarto é através de pequenos buracos nas paredes de adobe, por isso é o local ideal para preparar os tingimentos.

Seguindo com as cores, Dona Joana afirma que o bico-de-papagaio é de cor roxa e para a preparação dessa planta é necessário tirar a entrecasca e colocar na panela, acrescenta água até cobrir a casca e leve ao fogo para ferver. Quando estiver fervendo, mexe para soltar a tinta e em seguida coloque as meadas junto. Deixa ferver por alguns minutos, depois retire as meadas e coloca no solo para secar.

Para a construção da cor azul marinho, usa a planta chamada anilinho. Como relata Dona Joana,

Pega as folhas machuca coloca na panela acrescenta 2 litros de água e põe para ferver, em seguida põe a meada dentro e deixa ferver, por mais 5 minutos, em seguida retira as meadas da panela lava e põe no sol para secar, depois de seco preparamos os novelos, quando todos esses processos tive pronto aí podemos leva para tecer. O anilinho tem uma fase da lua certa para fazer o tingimento, não pode fazer na lua cheia, senão a tinta não pega na linha. (informação verbal à autora)

Os tingimentos com as plantas citadas são feitos com a solução aquosa, com medidas baseadas no número de meadas que serão necessárias para a construção daquela

cor no tecido. Primeiramente, após a retirada das entrecascas, são divididas em pedaços bem pequenos, se preferir pode ser socado no pilão, ou pode ser fervida. No pilão se utiliza a mão-pilão, ferramenta utilizada para socar produtos desejados no pilão, com movimentos na vertical e a força utilizada pelo socador depende do produto.

Após a preparação dos produtos, eles são colocados em um recipiente, de preferência em uma panela grande. Para a preparação da substância, será necessário colocar a panela no fogo para esquentar a água daquela solução que está sendo preparada, baseada no total de produto e número de meadas que será tingida.

Dona Joana afirma que além de tecer cobertas ela também tecia redes. Para urdir uma rede, é preciso de 4 tornos no chão de um lado e 4 do outro lado. Temos que colocar uma vara para passar as linhas de um lado para o outro. Primeiro passa no pente, depois nos wlisses, depois passa no oigo e no torno. Para tecer uma rede é preciso de três pessoas juntas, no processo de criação da rede tem dois lados, sendo um lado da rede utilizado para dormir e outro não. Se um lado da rede fica maior que o outro, a solução é deixar os dois lados do pano dormir ou terminar os dois lados no mesmo dia, mesmo que tenha que terminar tarde.

Para a construção de uma rede exige mais tempo e mais linha, porque na preparação da rede não pode colocar pávio, tem que ser só a linha e ela ainda é dobrada no meio para ficar mais firme para que não rasgue com facilidade. Dona Joana relata que para apanhar com uma rede pronta precisa ter muita paciência, por que dá muito trabalho e gasta mais do dobro de linha de uma coberta. Ela ainda fala que para tecer uma rede tem que escolher o melhor algodão, não é qualquer tipo de algodão. Ou seja, já tem o algodão certo identificado por ela, assim são separados o algodão das linhas e os dos pavios. Hoje em dia, a dona Joana não tem nenhuma rede tecida por si própria.

No processo de tecelagem após os tingimentos das meadas, com as cores que quer tingir, são necessárias:

1. Bater dois tornos para colocar as meadas. Esses tornos servem para alinhar as meadas;
2. Após alinhados, tira as linhas dos tornos e começa a criar vários novelos;
3. Criados os novelos, enche várias canelas, onde coloca as linhas noveladas. Pode encher quantas canelas quiser;

4. Uma parte você enche canelas com linhas e outros com pavio. As linhas são mais finas, pois precisa fiar muito. Já os pavios são mais grossos, pois não precisa fiar muito.
5. Depois que as canelas e os pavios estiverem cheios, coloca as canelas na lançadeira;
6. No mourão, lugar onde tece, são colocados duas pisadeiras, uma direita e outra esquerda. Quando o aviamento estiver preparado para tecer, entra a parte de colocar as pisadeiras que ficam embaixo prendidas no wlisses. O wlisses é responsável por fazer o tecido, abrir as linhas para a passagem das lançadeiras que movimentam o pavio de um lado para o outro.

Dona Joana afirma que quando a linha da canela acaba, pega outra canela e coloca na lançadeira emenda a linha uma na outra e continua tecendo. Para uma melhor compreensão, ver fotos de minha autoria no Apêndice 2.

No processo de tecer, são tecidas duas partes. Quando terminadas as duas partes é necessário costurar uma na outra e após costurada uma na outra, o produto tecido está pronto. Depois da coberta pronta leva ao rio para dar uma boa lavada para tirar o excesso de tintas, então está pronta para usar.

Dona Joana diz que usa a tecelagem hoje em dia como forma de ganhar uma renda extra, não por necessidade. Ela agradece o fato de as coisas estarem mais fáceis hoje em dia e não precisar usar somente a tecelagem. Usa mais como refúgio, passatempo etc. Ela ainda ressalta que, mesmo que a tecelagem não é usada por ela hoje em dia por necessidade, ela vai sempre lembrar da tecelagem, pois foi algo muito importante na vida dela e ela vai guardar na memória.

Fizemos a segunda entrevista com Dona Rufina Dias dos Santos, que diz que aprendeu a tecer com sua mãe desde os 9 anos de idade. Atualmente com 63 anos, ela relata que aprendeu tecer para suas necessidades, e que esse trabalho não é valorizado como deveria. De uns tempos pra cá a procura por esse trabalho só está diminuindo cada vez mais, pois está sendo trocado por produtos prontos, ou seja, industrializado. Ela pergunta porque algum dos jovens da comunidade não se interessam em aprender a tecelagem do povo quilombola, relatando que essa prática hoje em dia não chama mais a

atenção dos jovens. Isso embora alguns conhecem e até mesmo sabem fazer, mas a falta de interesse é muita.

Durante a entrevista com Dona Rufina Dias dos Santos, ela fala que teve sete filhos, que todos já terminaram os estudos, mas mesmo assim ela ainda mora na comunidade Kalunga vão de Almas. Hoje em dia tece algumas vezes, mas muito pouco. De acordo com a tecelã, as pessoas hoje não querem aprender sobre tecelagem, na maioria das vezes é a falta de interesse e também porque não precisa, já arranja tudo pronto, coberta, roupa etc.

Dona Rufina fala que ela aprendeu fazer coberta, roupas, rede. A rede era a mais complicada pois tinha um segredo, se comesse a tecer uma parte em um dia, teria que terminar a outra parte no mesmo dia. Isso por que uma parte ficaria maior que a outra, se não fossem tecidas as duas partes no mesmo dia.

Ela explica que para apanhar uma rede pronta gasta o dobro de linhas de uma coberta, porque na rede as linhas usadas são todas dobradas ao meio. Já nos preparos das roupas temos que escolher os melhores algodões para fiar as linhas, já os pavios pode ser qualquer algodão. Esses algodões que são fiados as linhas tem que ser todos descaroçados a mão e não pode ser batido no batedor, já os algodões dos pavios podem ser descaroçados no descaroçador e pode bater no batedor.

Ela fala também sobre os tingimentos naturais que eram utilizados para tingir e como era o modo de preparo. Dona Rufina fala que os algodões usados para os preparos das roupas, cobertas, redes eram plantados, alguns deles, no quintal da casa, mas a maioria eram plantados na roça de toco. Quando estava no tempo da colheita todos os familiares iam ajudar. Dona Rufina relata que “para fazer todo o processo de apanhar com uma coberta pronta não é nada fácil, o mais difícil era até apanhar com 8 quarta de linha e 8 de pavio fiado no fuso, tendo o total de 64 fusos de linhas e 64 fusos de pavio.” (informação verbal à autora).

Durante os processos de tingimento, Dona Rufina diz que utiliza algumas plantas e caules para tingir com o anil, bico-de-papagaio, cabelo de nego, moreira e açafrão. Vejamos estes tingimentos descritos por Dona Rufina Dias dos Santos.

No processo de tingimento usando o anil, Dona Rufina Dias dos Santos ressalta que a cor obtida no anil é azul marinho. Para o tingimento do anil é necessário colocar as folhas do anil na água quente, depois guardar dentro de casa. Logo, deve-se colocar as

meadas dentro da panela junto com o anil preparado. Ela ainda afirma que se colocar para tingir com o anil cedo, só pode tirar a tarde por que se não a cor não pega direito.

Dona Rufina afirma que outro tingimento é feito com o bico-de-papagaio, que se obtém a cor roxa. Para a preparação dessa planta é necessário tirar a entrecasca e colocar na panela, acrescenta água até cobrir a casca. Após isso, leve ao fogo para ferver, quando estiver fervendo mexe para soltar a tinta e em seguida coloque as meadas junto deixando ferver por alguns minutos. Depois retire as meadas e coloca no solo para secar.

Já para obter a cor vermelha com o cabelo de nego, “precisa tirar a casca do cabelo de nego e colocar para ferver, depois que ferver, você tira a casca e coloca a meada dentro da panela, quando vê que está tingido tira a meada da panela e coloca para escorrer, o cabelo de nego é de cor vermelha” afirma dona Rufina em informação verbal à autora.

No processo do moreira para obter a cor amarela, é necessário tirar a casca dele, e depois colocar na água e em seguida colocar no solo para soltar a tinta. Depois que estiver soltado a tinta, coloca na panela com a meada dentro para fixar a cor. Por fim, depois que estiver tintado a meada, tira da panela e coloca no solo para secar.

A meada tingida do açafraão fica amarela. No processo de tingimento, dona Rufina diz que para o preparo das meadas amarelas tiradas do açafraão, “corta as raízes do açafraão, põe para secar, após seco coloca para ferver, depois que ferver coloca a meada dentro da panela, depois que a meada obter a cor amarela tire da panela e coloca para secar.” (informação verbal à autora).

De acordo com dona Rufina, quando o processo de aviamento estiver pronto para começar a tecer, é nessa hora que entra a parte de colocar as pisadeiras que são dois paus de madeira que fica embaixo do mourão, prendida no wlisses. Esses paus têm mais ou menos dois metros. Os wlisses são aqueles que leva o pavio de um lado para outro. Depois que todos os fios estiverem emendados no tear e passado no meio de cada dente dos pentes, são prendidos no aviamento com uma vara bem retinha. Essa vara serve para que o pano não saia fora do seu nível, ou seja, causando alguns defeitos.

Segundo Dona Rufina, todo o processo da tecelagem da colheita do algodão, o tingimento das meadas, a parte de tecer o pano e costurar demora muitos dias. Pois cada processo tem seu tempo determinado de conclusão. Como para colher algodões temos o tempo certo, assim como para tingir algumas meadas, que podem depender das fases da lua, e como para tecer que precisa ser em tempo de seca, pois em tempo de chuva não tem como tecer, tingir e urdir.

Após terminarem, os tecidos são retirados para fazer a costura das partes, tanto nos meios quanto nas beiras. No meio é porque o tecido só pode ser tecido a metade, então quando estiver com as duas partes feitas costura uma na outra, depois dessa costura já está a coberta pronta. Em seguida tem que lavar a coberta no rio.

Durante todo esse processo, Dona Rufina afirma que não tece muito hoje em dia, porque não há a necessidade. Antigamente, a tecelagem era usada como forma de sobrevivência. Hoje em dia, é usada por algumas tecelãs como uma forma de ganhar algum dinheiro para sustentar-se. Ela ainda ressalta que hoje em dia, mesmo não tecendo muito reconhece que a tecelagem tem grande importância na vida dela, pois a faz lembrar de todas as coisas que ela já teve que passar para sobreviver e hoje ela agradece por não precisar da tecelagem como única opção, tece para ter uma renda extra e não esquecer dos processos.

Na terceira entrevista, feita com Dona Santa Dias dos Santos, ela diz que aprendeu a tecer com mais ou menos 12 anos de idade e atualmente está com 49 anos. Ela relata que aprendeu a tecer pela necessidade, onde fazia cobertas, saias e vestidos e também shorts e camisas de algodão para os irmãos. Hoje em dia ela usa a tecelagem para vender, pois não tem mais necessidade. Ela relata que o motivo da tecelagem estar acabando seu valor é pela falta de interesse dos mais novos, que não querem aprender a fazer para não deixar morrer a cultura. Ela ainda diz que se cada um dos jovens tivessem o interesse de aprender mudaria tudo.

Durante a entrevista com Dona Santa Dias dos Santos, a mesma fala que primeiro aprendeu a tecer com a avó Teresa, com a tia Rufina e com a madrastra Joana, só que ela já sabia um pouco da tecelagem. Ela relata que é necessário utilizar os instrumentos de tecer, que são:

- Os wlisses, que são responsáveis por fazer o tecido abrir as linhas para a passagem das lançadeiras que levam o pávio de um lado para outro, fazendo o enchimento de tecidos e suas malhas;
- A lançadeira e um instrumento de madeira em forma de canoa, que tem um furo onde coloca a canela com o pávio enrolado nela;
- O pente serve para tampar o pano, serve para juntar os fios após passar a lançadeira;
- A caixa do pente serve para tampar os dentes do pente;

- Os viamentos são compostos pelo conjunto de wisses, pente, pávio e a caixa do pente.

De acordo com Dona Santa Dias dos Santos, para obter as cores no processo de tingimento na comunidade utiliza-se algumas as folhas, raízes e caules de algumas plantas.

Para obter a cor amarela, usa o açafraão, porque era bem corado. Porém, com o tempo ela ia saindo a cor com mais facilidade. Segundo ela, no processo do açafraão era necessário cortar as raízes em pedaços pequenos, colocar na panela e colocar em média um litro de água para ferver. Depois de fervido colocar as meadas dentro da panela e deixar ferver por mais 5 minutos e tirar do fogo. Por fim, tire as meadas da panela e coloque no sol para secar.

Para obter a cor azul marinho utiliza o anilinho:

Pega as folhas põe na panela para ferver quando já estiver fervido coloque as meadas junto mexe com uma colher por alguns minutos em seguida retire a meada lava e coloca no sol para secar. Esse processo para ser feito já tem uma fase certa da lua, não pode ser feito quando a lua estiver cheia porque senão a tinta não pega nas meadas. (Informação verbal à autora).

Dona Santa relata que para obter a cor marrom usa-se a planta que se chama bico de papagaio. Para a preparação dessa planta é necessário tirar a entrecasca e colocar na panela, acrescentar água até cobrir a casca leve ao fogo para ferver, quando estiver fervendo mexe para soltar a tinta em seguida, coloque as meadas junto e deixa ferver por alguns minutos, depois retire as meadas e coloca no solo para secar.

A tecelã afirma que após a conclusão do tingimento com as cores desejadas as meadas são levadas para o rio para lavar e assim retirar o excesso de tintas que não foram fixadas totalmente, para que não manche as partes brancas do tecido. Após as meadas estiverem secas, fazem-se os novelos novamente.

Além disso, Dona Santa também relata que os algodões utilizados na produção da tecelagem eram todos colhidos nos próprios quintais de suas casas ou no quintal de outras pessoas que não usavam, então faziam a doação para quem queria. De acordo com a mesma, uma das coisas que mais prejudicam o algodão é a chuva, porque as vagens estão abrindo e os capuchos do algodão vão se molhando e começam a ficar com a cor escura, não fica branquinho como os outros normais.

Quando acontece isso com o algodão, eles são separados dos outros algodões para fiar o pávio, porque esses algodões prejudicados pela chuva tem menos resistência. Para

serem fiadas as linhas, necessitamos dos melhores algodões, porque eles têm maior resistência. Entre todos os algodões plantados, são escolhidos os melhores aqueles que não foram afetados pela chuva, as sadias e as de tamanho ideal.

Por fim, ela também diz que além da tecelagem tradicional ela realiza outros produtos por meio da tecelagem, como os tapetes, caminhos de mesa e jogos americanos.

Nos processos do tapete, ela relata que para a criação ela utiliza tiras de panos, principalmente os que esticam, porque assim fica mais fácil de fazer o tapete. No processo do tapete são necessários alguns instrumentos, como:

- **O tear:** o tear é a parte onde é traçado as tiras de panos para fazer o tapete, ele tem formato retangular;
- **As linhas:** as linhas são enroladas no tear, são responsáveis por firmar as tiras de pano;
- **Retalho:** Os retalhos, também conhecidos como tiras de panos são os principais processos na criação dos tapetes, as tiras são necessárias duas tiras do mesmo lado, onde cada uma passa sobre as linhas trocando suas posições a cada passada, como por exemplo, uma tira passa por cima e outra por baixo, até chegar ao final do tear, quando chegar no final do tear é necessário voltar as tiras na parte de cima, onde uma tira passa por cima e outra por baixo, assim sucessivamente até o tecedor vê que está do seu gosto.

Para fazer o caminho de mesa, ela diz o processo é feito com o olho do buriti e também com a corda do pijiricum. Então, para a criação do caminho de mesa é necessário:

- Cortar o olho do buriti;
- Tirar o talo;
- Colocar a corda do buriti para secar no sol por pelo menos 2 dias.

E também são utilizados os instrumentos:

- Tear: instrumento que serve para preparar o caminho de mesa;
- Pente: objeto onde é passado as cordas de apoio.

Na criação do caminho de mesa são necessárias algumas cordas coloridas da preferência do criador, onde são colocadas verticalmente no tear que passam pelos espaços livres do pente. São passadas as cordas em quatro espaços e deixado um livre fazendo assim até chegar ao fim do pente. No começo são passadas as palhas do buriti

entre as cordas para o lado esquerdo, depois traz o pente até a palha e tira depois. Após isso passa a palha para o lado direito, trazendo o pente até a palha novamente e tirando depois. Todo esse processo é repetido até quando as cordas coloridas não sobraem mais. Podemos ter mais detalhes com as fotos no Apêndice 2. Após a conclusão, é tirado o caminho de mesa do tear e cortado na medida de tecedor quiser.

Na criação do jogo americano usa-se os mesmos instrumentos (tear e pente), faz-se as mesmas coisas do caminho de mesa, a única diferença entre ambos é que o jogo americano é pequeno e o caminho de mesa é grande. Vemos também no Apêndice 2 algumas fotos.

Dona Santa relata a importância de um projeto para o aprendizado destas novas técnicas: “Aprendi esses outros meios de tecelagem através de um projeto que Maria Teresa, que morava em Goiânia trouxe para o Vão de Almas e a Wanderleia me colocou no projeto” (informação verbal à autora). Ela diz que foi muito bom ter entrado nesse projeto, pois a possibilitou ganhar uma renda extra e viajar para outros lugares.

Como encerramento do capítulo e a título de balanço das entrevistas, nas tabelas abaixo irei mostrar quais são as técnicas de extração de tingimentos que cada entrevista menciona e que são utilizadas até os dias de hoje.

Vamos apresentar as plantas e como são extraídas para obter sua tinta, para a produção de tingimentos. Assim, colocamos o nome de cada planta e como seus métodos de extração. Nas tabelas mostrei a classificação de cada entrevista, origem de pigmento para falar das cores, para falar como são extraídas e quadros para falar como são as técnicas de tingimento e como eram preparadas suas tintas naturais.

Primeira Entrevista – Dona Joana

Origem dos pigmentos que são utilizados (Planta)	Cor	Técnica de extração	Técnica de fazer o tingimento
Bico de papagaio	Marrom	Primeiro retire as entrecasas, colocar na panela acrescenta água até cobrir toda a casca leve ao fogo para ferver.	Depois que a calda estiver pronta, coloque as meadas junto mexendo para que a tinta pega em todas as meadas.

Cabelo de nego	Vermelha	X	X
Anilinho	Azul escuro	Pega as folhas machuca, coloca na panela acrescenta 2 litros de água e coloca no fogo para ferver.	Quando a calda estiver pronta coloque as meadas junto, mexe com uma colher para que a tinta pegue em todas as meadas
Açafrão	Amarelo	X	X
Jenipapo	Esverdeada	Iremos pegar mais ou menos 10 frutas do jenipapo verde, vamos machucar elas e colocar na panela junto com uns 2 litros de água e colocar no fogo para ferver.	Esse processo só pode ser feito a noite dentro do quarto sem presença de qualquer tipo de luz, pois se for feito o dia a tinta não pega nas meadas, quando a calda estiver pronta coloque as meadas junto e mexe para soltar a tinta.

Segunda Entrevista – Dona Rufina

Origem do pigmento que são utilizados (Planta)	Cor	Técnica de extração	Técnica de como fazer o tingimento
Anil	Azul marinho	Pega as folhas, machuca e coloca na água quente	Quando a calda tiver pronta, pega as meadas e coloque junto na panela, mexe por alguns minutos e em seguida retire as meadas e coloque na sombra para secar.
Bico de papagaio	Marrom	Retire as entrecascas e coloca na panela acrescentando 2 litros de água e coloque no fogo.	Quando estiver fervendo, mexe para soltar a tinta em seguida coloque as meadas junto e deixa ferver por mais alguns minutos.
Cabelo de nego	Vermelha	Retire a casca do cabelo de nego, coloque na panela acrescenta uns 2 litros de água e põe no fogo para ferver.	Depois que já estiver fervido, coloque as meadas junto mexe para soltar as tintas, quando ver que estiver pronto retire as meadas e coloque para escorrer no solo.
Moreira	Amarelo	Retire a casca do Moreira, coloque a casca em uma vasilha e coloque no sol para soltar a tinta.	Depois que estiver soltado a tinta, coloque a meada junto para fixar a cor.

Açafrão	Amarelo	Corte as raízes do açafrão e coloque na panela, acrescente água e põe para ferver.	Depois que estiver fervido, coloque as meadas junto e mexe para soltar a tinta desejada.
---------	---------	--	--

Terceira Entrevista – Dona Santa

Origem do pigmento que são utilizados (Planta)	Cor	Técnica de extração	Técnica de como fazer o tingimento
Bico de papagaio	Marrom	Retire a entrecasca e coloque na panela. Acrescente água até cobrir e leve ao fogo até ferver	Quando estiver fervendo, mexe para soltar a tinta e em seguida coloque a meada e deixe ferver por mais alguns minutos. Depois retire e coloque para secar
Açafrão	Amarelo	Pegue as raízes do açafrão, corte, coloque na panela com água e coloque para ferver	Depois de fervido, coloque as meadas dentro e deixe ferver por mais cinco minutos. Depois retire as meadas, lave e coloque no sol para secar
Anilinho	Azul-marinho	Pegue as folhas, machuque e coloque no fogo para ferver com água.	Quando já estiver fervido coloque as meadas junto, meche por alguns minutos, em seguida retire as meadas e coloque no sol para secar. Esse processo para ser feito já tem uma fase certa da lua para ser feita, não pode ser feita em lua cheia, porque senão a tinta não pega nas meadas.

As técnicas tradicionais e as entrevistas nos mostram uma tradição muito bonita e importante para a comunidade. Porém, cabe ressaltar que, antigamente, o preconceito era muito quando as pessoas viam você usando roupas de algodão. Nas minhas vivências, com as roupas especificamente eu não sofri preconceito, mas com as cobertas sim eu sofri, principalmente quando era em um local que tinha muita gente. Em uma festa, por exemplo, algumas pessoas da nossa própria comunidade ficavam rindo de mim por que eu não tinha coberta de lã, isso foi muito vergonhoso para mim naquele tempo. Hoje em dia está tudo mudado e aprendemos cada vez mais a valorizar a beleza de nossas tradições, nossa cultura Kalunga.

CAPÍTULO 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO DA ARTE E A TECELAGEM NA ESCOLA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS

Percebe-se que as práticas pedagógicas em artes na Comunidade Kalunga Vão de Almas são pouco desenvolvidas pelos estudantes. Sair um pouco das rotinas escolares, pode ajudar os estudantes a aprenderem de outras formas e também fazendo com que eles tenham experiências divertidas.

Segundo minhas experiências escolares por meio dos estágios nos colégios da comunidade Kalunga Vão de Almas, percebe-se a falta de conhecimento dos estudantes sobre a própria cultura de onde moram, onde eles sabem mais de outras culturas de que suas próprias culturas. Muitas das vezes, os próprios moradores da comunidade relatam que os mais novos não sabem da própria cultura e que eles têm medo que todos os conhecimentos adquiridos historicamente acabem pela falta de interesse dos mais jovens.

Diante desse problema, o ensino das artes plásticas é uma forma de fazer com que os estudantes Kalunga aprendam mais sobre os próprios costumes, histórias e culturas. Para isso apresentamos algumas práticas pedagógicas abaixo. As práticas pedagógicas foram construídas através dos meus conhecimentos, e de já terem participado de algumas delas como, por exemplo, o círculo cromático, aula prática de tecelagem e na preparação de tingimentos naturais.

Saída de Campo – apresentação inicial dos tingimentos

Para essa aula levaremos os alunos do 6º ao 3º ano em alguns lugares da roça com o auxílio de outros professores e permissão da direção e dos pais/responsáveis para conhecerem algumas plantas que são usadas para o tingimento natural. Lá ensinarei a eles quais plantas são utilizadas para os processos de tingimentos naturais, irei explicar também com são seus modos de preparo, como obter seus líquidos, ao voltar para a sala de aula, pedirei aos alunos que façam um relatório respondendo algumas perguntas como

1. O que acharam do passeio?
2. Conheciam alguma planta?
3. Se sim, que planta?

4. Essa planta é utilizada por algum familiar seu?
5. Com qual uso?

Essa aula será realizada também para o conhecimento do campo, pois mesmo que todos morem no campo, nem todos tem o conhecimento sobre a natureza. Além disso, é importante tornar esse ensino motivador para os estudantes sobre artes e a cultura local, não por obrigação, mas por vontade própria.

Roda de conversa com apresentação de slide

Na segunda atividade, será realizada uma roda de conversa com apresentação de slide com todas as turmas. Irei apresentar slides sobre tecelagem e tingimento natural para os estudantes e farei perguntas para eles do tipo:

1. Vocês conhecem tal árvore/planta usada para tingir?
2. Vocês sabem tecer?
3. Vocês conhecem os processos de tingir e tecer?
4. Vocês conhecem alguém que sabe tecer/tingir?

Fazendo esses tipos de perguntas, podemos estimular com que os estudantes participem da conversa, ajudando-os na socialização e na participação coletiva. É importante planejar que a/as aula/aulas de roda de conversa seja/sejam acolhedoras e divertidas para os estudantes e também para os professores, diretor, coordenadores, funcionários, dentre outros.

No processo dos slides, irei mostrar fotos dos processos de tingimento e tecelagem do começo ao fim. E também irei explicar a importância de não deixar acabar esses valores na comunidade Kalunga Vão de Almas. Após o fim da roda de conversa com a apresentação de slides, perguntarei a eles se eles já conheciam algum método de tingimento natural e tecelagem.

Além disso, levarei uma tecelã da comunidade para participar da roda de conversa e nos dizer um pouco sobre seu conhecimento de tecelagem.

Construção de tintas naturais

Nesta terceira prática pedagógica, junto com os alunos iremos construir tintas naturais que são usadas nos processos de tingimento. Primeiro levarei os alunos do 6º ao 3º ano Antiga Sede para o pátio com a autorização da coordenação. Levarei uma tecelã da comunidade para poder nos ajudar nessa aula. Lá a tecelã e eu, iremos explicar para eles como são obtidas as cores que são usadas nos tingimentos naturais.

Nesse processo será necessário:

1. Panela
2. Água
3. Coador
4. Colher de pau
5. Recipiente de vidro

Como exemplo, iremos explicar sobre o açafrão, que é usado como corante e no preparo de alimentos. Vamos arrancar o açafrão, lavar as raízes, depois de lavadas cortaremos em pedaços pequenos e colocaremos em uma panela com 1 litro de água. Vai ao fogo para ferver, quando estiver fervendo tiramos do fogo. Nesse processo obtemos a cor amarela, quando tiver pronto devemos coar e colocar no vidro.

Na construção da cor vermelha é utilizada a planta que se chama cabelo de nego, dela é retirada a entrecasca de seu caule, sem esquecer de retirar a primeira proteção da sua casca, corte as entrecascas em tamanho médio coloca na panela com 2 litros de água, põe no fogo para ferver por uns 20 minutos quando estiver fervendo mexe para soltar a tinta.

Para obter a cor marrom usa-se a planta que chama bico de papagaio, a preparação dessa planta é necessária tirar a entrecasca e colocar na panela com em média de 2 litros de água leve ao fogo para ferver, quando estiver fervendo mexe com uma colher, de vez enquanto dá uma mexida para soltar a tinta, depois que estiver pronto retire do fogo espere esfriar coe e coloque no vidro.

Para obtermos a cor verde fosco usaremos os frutos da planta que chama jenipapo, dela iremos utilizar as frutas verde vamos pegar em média de umas 10 frutas, machuca elas e coloca em uma panela ou bacia acrescenta agua, esse processo tem que ser feito a noite dentro do quarto fechado sem nenhuma claridade, por que se for feito o dia e com a claridade, a tinta não pega e não obtemos a cor que desejamos. Usaremos o jenipapo não só para construir cores, mas também para preparação de licor.

Círculo cromático

Na quarta atividade, que é o círculo cromático, será passado uma atividade para os estudantes para criarem um círculo cromático, onde serão utilizadas para representar as cores obtidas na terceira aula. Irei imprimir um círculo cromático para cada estudante, e eles irão pintar de acordo com as cores de tingimento.

No desenvolvimento dessa atividade, os estudantes irão pintar o círculo de acordo com a quantidade de cores obtidas no tingimento, eles irão pintar o círculo e explicar como é criado cada cor e que planta utiliza. Com a organização das cores, os estudantes irão separar as cores obtidas pelas misturas na dinâmica em cores, primárias, secundárias e terciárias.

Essa dinâmica tem como objetivo desenvolver o lado criativo dos estudantes e que seja uma aula divertida para eles. Após a conclusão do círculo cromático, irei montar um mural com os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes e colocar na parede do colégio visível para outras pessoas.

Aula prática de tecelagem

Nessa aula, irei desenvolver uma aula prática para os estudantes do 6º ano ao 3º ano. Irei conversar com alguma pessoa da comunidade que sabe fazer tecelagem que possa nos fornecer seus conhecimentos. Caso confirmado, irei levar os estudantes na casa dessa pessoa com auxílio de outra pessoa e permissão dos pais/responsáveis. Minha ideia seria que todos os estudantes participassem. Depois que chegamos lá iremos mostrar para os estudantes todas as ferramentas que são usadas no processo de tecer.

Algumas plantas que seriam necessárias para essa aula:

1. Raízes de açafrão – cor: amarela
2. Folha de anil – cor: azul marinho
3. Entrecasca do bico de papagaio – cor: marrom
4. Entrecasca do cabelo de nego – cor: vermelho escuro

Nesta aula, por exemplo, desejo levar os estudantes até a casa da dona Joana, onde podemos vivenciar todos os processos de tecer. Junto com a Joana irei mostrar para os alunos todos os processos de como obter as cores com as plantas, e quais são seus modos de preparo das tintas naturais utilizando raízes, folhas, cascas, e frutos de algumas plantas. Através desse trabalho de pesquisa, podemos analisar que existem diversos métodos de tingimentos com corantes naturais.

Como perspectiva de continuidade desta pesquisa, eu pretendo dar seguimento com essas práticas pedagógicas na comunidade junto com o projeto Tecer Kalunga, coordenado pelo Professor Nathan Pinheiro e sua turma. Iremos mostrar como são produzidas as cores naturais com as plantas do Cerrado e como são os seus modos de preparo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo entender potencialidades para o ensino das artes plásticas por meio da pesquisa com a tecelagem e os tingimentos da comunidade Kalunga Vão de Almas. Assim esperamos resgatar as memórias para não deixar acabar a tecelagem na comunidade, pois era um meio de sobrevivência para os mais velhos antigamente, e hoje em dia são usados como uma forma de ganhar renda extra.

A partir de entrevistas, percebe-se que a maioria das tecelãs são mulheres entre 49 e 64 anos. Elas destacam que não tem nenhuma dificuldade com o trabalho de tecelagem, pois elas gostam desse trabalho. As três entrevistadas têm todo o domínio, ao modo de começar e terminar de tecer e tingir. Não são todas as tecelãs que têm todos os preparos de tecer, aquelas que não tem vão para a casa de outra pessoa que tem os preparos de tecer.

Essa pesquisa é caracterizada como qualitativa, retratando uma tradição artesanal e tem toda relação com a arte como vemos nas práticas pedagógicas. Por exemplo, mostrando como são feitos os tingimentos naturais nas salas de aula para os estudantes saberem como eram feitas as tintas naturais. Com essa pesquisa, mostramos que precisamos saber utilizar algumas metodologias que envolvam os estudantes nas aulas de artes, a comunidade e a cultura Kalunga, onde podemos ensinar os processos do início ao fim da tecelagem e do tingimento.

Minha expectativa é fazer com as práticas de tecelagem sejam conhecidas por pessoas que não conheçam a cultura Kalunga do Vão de Almas e que também sejam valorizadas pelas próprias pessoas da comunidade. Isso porque por trás da tecelagem dos dias de hoje, já houve a tecelagem como uma forma de sobrevivência dos antepassados. Sem ter o que vestir, eles criaram suas próprias formas de “costurarem” suas próprias roupas, que foi por meio da tecelagem, criando saias, shorts, vestidos, camisetas, cobertas, até mesmo roupas íntimas.

Valorizar todo esse conhecimento que foi passado de geração em geração é muito importante, pois conta uma história de resistência às dificuldades passadas por quem veio antes de nós e a superação dessa situação. Digo isso porque, hoje em dia, as coisas se tornaram mais fáceis, ter uma peça de roupa hoje se tornou muito mais fácil do que antigamente. Hoje não é mais necessário tecer para poder vestir, hoje tornou-se acessível ter uma roupa, e essa é uma forma que demonstra que as pessoas mais velhas da comunidade Kalunga Vão de Almas superaram momentos difíceis da vida deles.

Esse trabalho torna-se importante para a sociedade, porque todo o processo de tingimento e tecelagem são obtidas com os elementos da natureza, tirando da natureza aquilo que é plantado pela própria pessoa, fazendo com que use elementos naturais na vida das pessoas. Diferente das tintas artificiais, as tintas naturais trazem uma melhor relação do ser humano com a natureza, mesmo que os processos naturais sejam mais demorados de que os artificiais, os tingimentos naturais ajudam as pessoas a desenvolverem todo o processo que era utilizado no passado e também ajuda a ter um tempo com a natureza, que é muito importante nos dias de hoje.

Estimular e conscientizar os jovens nas aulas de artes também vem no intuito de gerar novas aprendizagem de outras matérias, podendo ser estudado tanto a interdisciplinaridade como também a transdisciplinaridade, envolvendo a matemática, as ciências como a química, e as suas práticas que estão presentes no dia a dia dessas mulheres tecelãs.

Meu objetivo é fazer com que esse modo de tecelagem seja reconhecido, por todos os lugares mostrando essas técnicas ancestrais de como são feitos os tingimentos naturais pelas tecelãs Kalunga da comunidade Vão de Almas. Podemos usar as escolas locais como fonte de ensino em várias disciplinas usando a interdisciplinaridade, ensinando como são feitos os processos de tingimento até o tecer, para que os alunos tenham cada vez mais conhecimento sobre a tecelagem Kalunga e a nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIETTI FILHO, Ivo Marcelo; IBSCH, Raquel Bonati Moraes. TINGIMENTO NATURAL EM ARTIGOS TÊXTEIS: uma medida sustentável. **Revista da Unifebe**: Edição Tecnologias: engenharia, produção e construção, Brusque, v. 1, n. 27, p. 99-119, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/853>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CARVALHO, A. M. S.; ANDRADE, R. M. **Tecelagem artesanal quilombola no Brasil**: considerações iniciais sobre a produção Kalunga. In: 13º Colóquio de Moda, 2017, Bauru. Anais 13º Colóquio de Moda, 2017.

CUNHA, Valdeir Fernandes da. **Entre linhas e malhas, o ensino de Ciências por meio da tecelagem Kalunga na comunidade Vão de Almas**. Monografia da Licenciatura em Educação do Campo. Faculdade UnB Planaltina, 2021.

FERRAZ, Maria Helena C. de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo, SP: Cortez, 1991.

MENEGAT, M. Da arte de nadar para o reino da liberdade. In: VILLAS BÔAS, R. L.; PEREIRA, P. M. (Orgs.) **Cultura, arte e comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

RIBEIRO, Inezita. **Técnicas e saberes tradicionais na produção de cores**. 2019. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

ROSA, Nelcina dos Santos et al. **Tecer Kalunga**: conhecimentos quilombolas de tecelagem e tingimentos de tecidos na Educação do Campo. Anais do 12º SEREX – Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Goiânia, 2021.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TECELÃS DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS

- 1.Qual seu nome?
- 2.Quantos anos de idade você tem?
- 3.Com quantos anos de idade você aprendeu tecelagem?
- 4.Voce aprendeu a tecer foi para vender, ou para suas necessidades?
- 5.Quais as ferramentas você usa para poder fazer a tecelagem?
- 6.Voce ainda continua fazendo tecelagem?
- 7.Na sua opinião o que está levando ao desaparecimento da tecelagem nos dias de hoje?
- 8.Voce aprendeu fazer tecelagem com quem?
- 9.Para as tingimentos das linhas você costuma usar caules de algumas plantas? Quais?
- 10.O que a tecelagem significava para você antes? O que significa hoje?

APÊNDICE 2 – FOTOS DA AUTORA SOBRE OS PROCESSOS DE TECELAGEM E TINGIMENTO TRADICIONAIS KALUNGA

D Joana fazendo o processo do tingimento natural. Colocando a meada para tingir



Fonte: acervo pessoal

Preparo da meada com bico de papagaio



Fonte: acervo pessoal

Meada pronta feita do bico de papagaio, cor marrom



Fonte: acervo pessoal

Cinco quartas de linha e 2 quartas de pávio junto com meada de tingimento natural



Fonte: acervo pessoal

D Joana urdindo para tecer coberta



Fonte: acervo pessoal

Eu, Almecei descaroçando algodão com D Joana



Fonte: acervo pessoal

Eu, Almecei tecendo



Fonte: acervo pessoal

Dona Joana, fiando o algodão



Fonte: acervo pessoal

Quatro quartas de linha



Fonte: acervo pessoal

Tecendo coberta com alguns tingimentos naturais



Fonte: acervo pessoal

Coberta pronta feita com alguns tingimentos naturais



Fonte: acervo pessoal

Jacá com fuso, canelas e lançadeiras



Fonte: acervo pessoal

Dona Joana, enrolando meada



Fonte: acervo pessoal

Descaroçador de algodão



Fonte: acervo pessoal

Arco para bater algodão



Fonte: acervo pessoal

Facão para urdir pano



Fonte: acervo pessoal

Oignons: servem para enrolar os panos urdidos para tecer



Fonte: acervo pessoal

Wlisses com caixa de pente



Fonte: acervo pessoal

Tornos: servem para urdir o pano



Fonte: acervo pessoal

Pé de açafrão. Tingimento natural



Fonte: acervo pessoal

Jenipapo, que faz tingimento natural cor verde fosco



Fonte: acervo pessoal

Pé de anil. Tingimento natural



Fonte: Acervo pessoal

Essas são as novas tecelagens da Dona Santa, além de fazer a tecelagem Kalunga com tingimento natural, ela também realiza outros tipos de tecelagem, ela faz essa nova tecelagem para ter uma renda extra.



Tear. Fonte: acervo pessoal

Tecendo caminho de mesa



Fonte: acervo pessoal

Caminho de mesa



Fonte: acervo pessoal

Jogo americano junto com caminho de mesa



Fonte: acervo pessoal

Oio do buriti. Deles são feitos os caminhos de mesa e o jogo americano



Fonte: acervo pessoal

Tear em andamento de tapete com retalho de pano



Fonte: acervo pessoal

Tapete pronto



Fonte: acervo pessoal